



Quando se rompe o silêncio: o livro *As Veias Abertas da América Latina* e sua trajetória no Brasil¹

Alexandre Queiroz de Oliveira
Graduando em História
Universidade Federal de São Paulo
alexandrezqueiroz@gmail.com

RESUMO: Este artigo analisa a forma como o livro *As Veias Abertas da América Latina* circulou no Brasil. Tendo como princípio a difícil relação entre o Brasil e a América Latina, investigamos aspectos que levaram ao sucesso de uma obra latino-americanista e marxista no Brasil, e algumas questões pertinentes suscitadas pela sua recepção acadêmica. Considerando as variadas significações de *Veias Abertas*, discorreremos sobre as críticas comuns que se estabeleceram na América Latina nos anos 1960, e que permeiam até hoje o discurso e o imaginário latino-americano.

PALAVRAS-CHAVES: América Latina, História das Ideias, História do Livro, Historiografia.

ABSTRACT: This article discusses how the book *Open Veins of Latin America* circulated in Brazil. From the premise of the difficult relationship between Brazil and Latin America, we investigate aspects that took to success a Latin-Americanist and Marxist book, and also some relevant questions roused by its academic reception. Based on its variables meanings, *Open Veins* allows us to discuss common criticisms that were established in Latin America in the 1960's that until today permeate the speech and the imaginary Latin-American.

KEY WORDS: Latin America, History of Ideas, Book trajectory, Historiography.

Eduardo Galeano publicou o livro *As Veias Abertas da América Latina* em 1971, simultaneamente em Cuba, pela editora *Casa de las Américas*, no México, pela *Editora del Siglo XXI* e no Uruguai pela *Editora de la Universidad de la República*². O livro foi, portanto, pensando como uma obra que deveria chegar a toda América Latina, sendo publicado por editoras que tinham em seus catálogos livros de esquerda e, como no caso da *Casa de las Américas*, tradição de engajamento e um posicionamento ideológico progressista, o que contribuiu para que o livro fosse identificado como uma obra “de esquerda”. Condição essa reforçada pela biografia de seu escritor. Eduardo Galeano, que no final dos anos 1960 e começo dos anos 1970, sofria com a censura e a perseguição imposta pelo regime civil-militar uruguaio (1973 – 1985) o que o levou ao exílio na Argentina em 1973.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil.

² RUFFNELLI, Jorge. Entrevista con Eduardo Galeano. El escritor en el proceso americano. *Marcha*, 06/08/1971. N. 1555. pp. 30-1.



Autor de intensa produção editorial, no contexto de publicação do *Veias Abertas*, era militante da Frente Ampla, uma grande coalizão de centro-esquerda formada em 1971, com o intuito de combater a escalada autoritária do Estado Uruguaio e ser uma opção de esquerda ao tradicional bipartidarismo uruguaio – composto pelos partidos *Blanco* e *Colorado*. A Frente Ampla se constitui em um partido, ao qual Galeano é militante, e tem sido um entusiasta das recentes vitórias nas eleições presidenciais uruguaias. A Frente, em 1971, propunha um programa de reformas, a exemplo dos encampados por Salvador Allende no Chile e João Goulart no Brasil.

Galeano integrou a chamada “Geração de 1955”, grupo de intelectuais, descendentes da “Geração de 45”, que se caracterizaram por proporem uma revisão crítica do imaginário coletivo e oficial a respeito do Uruguai, tido como um modelo de sociedade capitalista nas Américas. Grande parte dessa geração de intelectuais teve nas páginas do jornal *Marcha* (1939-1974) um instrumento de concentração e propagação de suas ideias. *Marcha* foi, certamente, a mais importante mídia de esquerda no pós-Segunda Guerra no Uruguai, e uma das mais importantes da América Latina, tendo circulado em vários países latino-americanos. *Marcha* foi uma resposta anti-imperialista, marxista e latino-americanista, ao longo de sua existência, aos contornos autoritários que assumiam a América Latina nos anos 1960. É apresentado como símbolo de seu tempo e dos debates vigentes em seu país: “El Uruguay de los sesenta fue el Uruguay de *Marcha*”³. Muitos líderes políticos e intelectuais colaboraram no *Marcha*, a exemplo de Che Guevara, Gabriel Garcia Marques, Vargas Llosa, Fidel Castro, João Goulart, Carlos Drummond de Andrade, Emílio Frugoni e outros, além de Eduardo Galeano, que chegou a ser editor entre os anos de 1960 e 1964⁴ e do fundador e diretor do semanário Carlos Quijano.

Marcha acompanha as muitas transformações que ocorreram no Uruguai. Espremido entre os “gigantes” da América do Sul (Brasil e Argentina), o Uruguai constituía sua identidade própria, e seus cidadãos se autodenominavam os “orientais”. A ideia de que o país alcançava notável desenvolvimento, em meio à pobreza da América Latina, criara o rótulo de “Suíça das Américas”, uma vez que estava assegurada a democracia, o bem-estar social e a prosperidade econômica. Os governos uruguaios, até os anos 40, alimentavam essa imagem de país diferenciado, mas a conjuntura do pós-Segunda Guerra mudou esse quadro. Nesse momento, os intelectuais espremidos entre os extremos ideológicos que se chocavam na Guerra Fria, passaram a criticar essa visão do Uruguai sobre si mesmo. Influenciados por Sartre, Heidegger e outros

³ ARMAS, Gustavo de, GARCÉ, Adolfo. *Uruguay y su Conciencia crítica – Intelectuales y política em siglo XX*. Montevideo: Editora Trilce. p. 35.

⁴ Após 1964, Eduardo Galeano foi editor da revista *Época*, também censurada pelo Estado Uruguaio.



teóricos das humanidades⁵, essa geração expôs sua angústia quanto ao futuro e presente do Uruguai. Essa angústia foi fator preponderante na revisão da história uruguaia e na atuação desses intelectuais no tempo presente, denunciando o caráter subdesenvolvido do Uruguai e da América Latina. Nessa atmosfera onde se denunciava a pobreza a assimilava o pessimismo, Eduardo Galeano teve sua formação como escritor. Podemos notar a transição, a partir dos anos 1950, que se caracteriza como um “largo e penoso declive desde el “país modelo” hacia el omniuso subdesarrollo”⁶.

Por conta da postura esquerdista do autor, e especialmente pelo seu conteúdo, *Veias Abertas* foi censurado em vários países da América Latina pelas ditaduras militares. Porém, circulou clandestinamente, graças à boa recepção que teve nos meios universitários, principalmente. O historiador Enrique Padrós constatou que a obra “iniciará uma geração de latino-americanos na leitura crítica do processo histórico continental”⁷. A versão original, em espanhol, foi um grande sucesso de público. Em meados de 1980 já havia alcançado a marca de 60 edições⁸. No Brasil, a trajetória do livro foi de similar sucesso. Entretanto, somente em 1978 foi publicada a versão em português, editada no Brasil. Foi lançada pela editora *Paz e Terra*, então dirigida pelo ex-deputado de oposição ao Regime Militar, Fernando Gasparian (1930 - 2006). A princípio, a editora esteve muito empenhada na publicação de obras relativas à Teologia da Libertação e livros de esquerda de modo geral, linha editorial sugerida em seu próprio nome.

A editora *Paz e Terra* publicou *As Veias Abertas* em 1978 como o volume 12 da Coleção Estudos Latino Americanos. Na coleção ainda constavam livros de Darcy Ribeiro, Stanley J. Stein, Barbara H. Stein, entre outros. A editora publicou concomitante a essa coleção, outros títulos que obtiveram grande vendagem e se tornaram referências acadêmicas, como a Coleção Estudos Brasileiros e Pensamento Crítico. Em 1975 a editora lançou o livro do argentino Tulio Halperín Donghi, *História da América Latina*, que se tornou uma obra de referência e obteve grande sucesso de vendas. No artigo dos historiadores Gabriela Pellegrino Soares e Júlio Pimentel Pinto, é enfatizado, no contexto da produção sobre América Latina que chegava ao Brasil, o importante impacto que essa obra teve em nosso país, e o precedente que foi para uma maior produção sobre história da América Latina no Brasil. Se antes “aos interessados em temas

⁵ ARMAS, Gustavo de, GARCÉ, Adolfo. *Uruguay y su Conciencia crítica – Intelectuales y política em siglo XX*. p. 57

⁶ ARMAS, Gustavo de, GARCÉ, Adolfo. *Uruguay y su Conciencia crítica – Intelectuales y política em siglo XX*. p. 69

⁷ PADRÓS, Enrique Siqueira. Como *El Uruguay no Hay... Terror de Estado e Segurança Nacional*. Uruguai (1968 – 1985): Do Pachecato à Ditadura Civil Militar. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós Graduação em História. Porto Alegre 2005. p. 17

⁸ MARCHESI, Aldo. Imaginación política del Antiimperialismo: Intelectuales y política en el Cono Sur a fines de los Sessenta. In: *Estudios Interdisciplinários de América Latina y Caribe*. Editora da Universidade de Tel Aviv, 2006. s.p.



latino-americanos não restavam muitas opções além de recorrer às obras em outros idiomas [...] Algumas décadas mais tarde, porém, o cenário já não é assim desolado”⁹. Dois anos depois de publicado o livro de Halperín Donghi, *Veias Abertas* é considerado um novo marco: “As imagens cunhadas pelo livro difundiram-se em meio a um público não restrito aos meios acadêmicos”¹⁰.

Veias Abertas se consolidou como uma obra que vinha ao encontro da demanda de brasileiros interessados em uma história da América muito obscurecida, mas que ia sendo introduzida em nosso país há algumas décadas. Ainda que não existisse uma grande quantidade de obras voltadas à história latino-americana, não podemos desconsiderar os contatos que existiam entre o Brasil e os países hispânicos em épocas anteriores. Esboçaremos aqui um breve balanço bibliográfico a cerca da relação entre Brasil e América Latina.

Brasil e América Latina: Encontros e Desencontros

A historiadora Kátia Baggio, dissertou sobre os intelectuais brasileiros que, nas primeiras décadas da República, se aproximaram dos demais países da América Latina atentando aos aspectos do pan-americanismo. Embora essa elite intelectual estivesse muito subordinada à monarquia e ligada ao IHGB (Instituto Histórico Geográfico Brasileiro), apresentaram diversas hipóteses e argumentos a respeito da integração da América e da condição de sua população, tendo em sua composição desde as ideias que assimilavam o darwinismo social e relacionavam a pobreza com a “raça”, até os que denunciavam o imperialismo estadunidense na América Latina¹¹.

Em sua dissertação de mestrado, Priscila Ribeiro Dorella esboça o percurso de um intelectual que pode ser tido como um pioneiro nos estudos acadêmicos latino-americanos no Brasil, Silvio Júlio de Albuquerque Lima (1885 – 1984) que, no começo do século XX, opôs-se às ideias advindas do século XIX a respeito da apartada América Latina, e via na região uma identidade que se respaldava na tradição ibérica comum¹². A historiadora Gabriela Pellegrino Soares aponta que, no começo do século XX, além de um estreitamento das relações entre a Espanha e a América Hispânica, intelectuais brasileiros passaram a figurar no diálogo com os

⁹ SOARES, Gabriela Pellegrino e PINTO, Júlio Pimentel. A América Latina no Universo das Edições Brasileiras. *Diálogos*. DHI/ PPH/ UEM. V.8, n.2. 2004 p. 134.

¹⁰ SOARES, Gabriela P, PINTO, Júlio P. *Diálogos*. p. 136.

¹¹ BAGGIO, Kátia Gerab. *A “outra” América: a América Latina na visão dos intelectuais brasileiros nas primeiras décadas do regime republicano*. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós Graduação em História, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998. p. 31

¹² DORELLA, Priscila Ribeiro. *Silvio Júlio de Albuquerque Lima: um precursor dos estudos acadêmicos sobre América Hispânica no Brasil*. Tese (Mestrado em História). Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006. p. 17.



vizinhos latino-americanos. Dessa forma, intelectuais ligados às vanguardas modernistas que despontavam no Brasil, como Monteiro Lobato, estabeleceram contato com intelectuais e tiveram muitas de suas obras publicadas na Argentina e difundidas nos outros países da América Latina. As relações entre Gabriela Mistral e escritores como Mário de Andrade, de Cecília Meirelles e Alfonso Reyes, e o interesse crescente por parte de um grupo de intelectuais e de editoras, como a Brasiliense, revelam que, além do interesse de mercado, “[...] ao lado das aspirações identitárias, os países vizinhos passavam, em certos contextos, a figurar como referências de desenvolvimento e concepções de modernidade que iam ao encontro das premências nacionais”¹³.

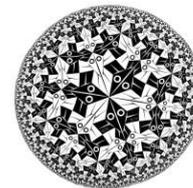
É importante salientar que essas são iniciativas decorrentes de motivações individuais e permaneceram muito centradas numa elite intelectual. Não havia engendrado pelo Estado brasileiro, nem no período Monárquico, uma aproximação maior entre o Brasil e os demais países da América Latina. A historiadora Maria Lígia Prado destaca que foram pelos processos de consolidação do Estado Nação, e de sua respectiva identidade, que se construíram fronteiras entre a América Portuguesa e Espanhola como um divisor de mentalidades e estruturas. Do lado brasileiro, um país unitário, regido por uma monarquia constitucional sólida que se opunha às fragmentadas e caóticas repúblicas da América do Sul. Somado a isso, havia os conflitos no final do século XIX entre as regiões. A República pouco fez para reverter esse quadro. O que levou Prado a utilizar a expressão *Brasil e a Distante América do Sul*¹⁴ como título de seu artigo.

São, portanto, universos que tinham uma relação de encontros e desencontros, e o objetivo de tais considerações reside em desnaturalizar uma ideia de aproximação lógica entre os países da América Latina, ou no extremo oposto, a ideia de que são regiões sem contato. Quando da publicação de *Veias Abertas*, existia um contexto de aproximação, sendo os anos 1970 um período de combate às ditaduras militares. Além disso, havia uma aproximação identitária em torno das ideias de esquerda, muito calcada no marxismo e na esperança difundida pela Revolução Cubana.

O projeto editorial de *Veias Abertas* contou com o respaldo de intelectuais que ao verem a demanda por parte do público brasileiro, incluindo o acadêmico, também se envolveram nesse processo. Fundamentamos esse argumento ao analisarmos a composição do Conselho Editorial

¹³ SOARES, Gabriela Pellegrino. Diálogos Culturais Latino-Americanos na Primeira Metade de Século XX. *Projeto História*. São Paulo, n. 32, Jun/2006. p. 243

¹⁴ PRADO, Maria Lígia Coelho. O Brasil e a distante América do Sul. In: *Revista de História*. Nº 145, São Paulo, dez de 2001.



da editora *Paz e Terra*. A editora, de meados dos anos 1970 até os anos 1980, tinha em seu conselho o sociólogo Fernando Henrique Cardoso, o economista Celso Furtado¹⁵, o crítico literário Antonio Candido e o presidente da editora, Fernando Gasparian. No *site* da editora, assim consta seu histórico institucional: “Nascida há mais de 40 anos, na resistência democrática, a editora conquistou progressivamente a adesão de muitos de nossos mais brilhantes intelectuais, com os quais sempre compartilhou a defesa da liberdade de pensamento e do direito ao diálogo”¹⁶.

Nos anos 1970 ainda contribuíra para uma maior disseminação do universo latino-americano no Brasil, o *boom* do Realismo Fantástico, sendo traduzidos e publicados no Brasil escritores como o colombiano Gabriel García Márquez, os peruanos Manuel Scorza e Mario Vargas Llosa, e os argentinos Julio Cortázar e Jorge Luiz Borges, para citar os grandes expoentes dessa escola literária. Conforme destacou Gabriela Pellegrino “a literatura colaborou bastante numa espécie de sensibilização do leitor brasileiro para as semelhanças e diferenças entre os itinerários que o Brasil e a América Latina percorreram”¹⁷. A literatura agiu de forma a complementar os trabalhos acadêmicos que esboçavam os desafios conjunturais e estruturais dos países da América Latina. Eduardo Galeano é autor de muitos romances, crônicas e poesias, em que retrata homens e cenários da América Latina. *Veias Abertas* possui passagens em que sua narrativa se aproxima da literatura, e o autor soube explorar essas duas referências.

Em paralelo a expansão do Realismo Fantástico, uma leitura marxista feita na América Latina no final dos anos 1960, difundiu-se no meio Acadêmico latino-americano e pautou o debate sobre a América Latina no Brasil. *Veias Abertas* baseou-se nessa leitura da América Latina, e sua difusão está muito calcada nos marcos criados por esse debate. O marxismo na América Latina teve uma recepção muito desigual e lenta¹⁸. Nutriu fortes relações com o anarquismo, o sindicalismo e o próprio populismo que se desenvolveu posteriormente na América Latina. O sociólogo Bernardo Ricupero analisa essa questão sob a dualidade do cosmopolitismo - localismo, a partir da formulação inicial, indicada por Ricupero, de Antônio Cândido. Para

¹⁵ Vale destacar que Furtado teve papel de destaque na CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe), ligada a ONU, que se dedicava a estudar e apresentar propostas aos problemas socioeconômicos da região. A Comissão reuniu muitos intelectuais comprometidos na análise do desenvolvimento do capitalismo na América Latina, tendo um grande diálogo com a Teoria da Dependência. Os relatórios da CEPAL são usados como fontes por Galeano em *Veias Abertas*.

¹⁶ Captado em: <http://www.pazeterra.com.br/Editora.asp>. Acessado em: 13/05/2012.

¹⁷ PINTO, Júlio Pimentel e SOARES, Gabriela Pellegrino. A América Latina no universo das edições brasileiras. *Diálogos*, DHI/PPH/UEM, v.8, n.2, 2004. p. 146

¹⁸ CASANOVA, Pablo González. Os Pioneiros do Marxismo na América Latina. In: BARSOTTI, Paulo e PERICÁS, Luiz Roberto. *América Latina – Histórias, Ideias e Revolução*. São Paulo: Xamã, 1998 pp. 17-9.



Ricupero, o marxismo identificado como um pensamento próprio da América Latina é aquele desenvolvido por intelectuais que conseguem romper essa dualidade.

Mariátegui, Caio Prado Júnior e alguns teóricos da Teoria da Dependência, em compensação, foram capazes de superar o falso dilema do cosmopolitismo e do localismo. Do cosmopolitismo, retiveram o objetivo socialista [...] Tiveram consciência, entretanto, de que sua tarefa era local, já que o terreno da luta que tinha que enfrentar era nacional. [...] Nisso, foram verdadeiros marxistas latino-americanos e não apenas marxistas na América Latina.¹⁹

Já Michael Löwy, acredita que o debate ainda em voga na América Latina quanto à revolução revela que esse pensamento próprio ainda não está amadurecido, embora admita que alguns intelectuais e militantes pensaram na especificidade dessa apropriação. “O problema da natureza da revolução está, em última análise, relacionado com certas questões teóricas e metodológicas fundamentais que giram em torno da questão de como aplicar o marxismo à realidade latino-americana”²⁰.

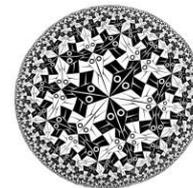
Eduardo Galeano aproximou-se da Teoria da Dependência como forma de se integrar nessa leitura da história, e do presente, da América Latina pela ótica marxista latino-americana. A Teoria da Dependência buscou explicar a forma como o capitalismo age na periferia. Pela teoria, o capitalismo nas regiões periféricas, como a América Latina, gera a Dependência em relação ao centro. A dependência seria um momento histórico específico do capitalismo, assim como foi o Imperialismo²¹. Ganhou grande impulso nos anos 1960, e na década de 1980 passou a ser criticada pelo sua análise dicotômica e pouco capaz de abranger as várias formas de expressão do capitalismo. Bernardo Ricupero divide a Teoria da Dependência em duas vertentes, a primeira ligada a autores como Andre Gunder Frank, Ruy Mauro Marini e Teotônio dos Santos, cuja visão mais catastrófica e estagnocista acreditava que “a super-exploração da força de trabalho na periferia impede a constituição de um mercado interno, o que leva à reprodução do subdesenvolvimento, e impõe, na linha de Rosa Luxemburgo, o dilema socialismo e barbárie”²². A outra vertente, centrada nos trabalhos do sociólogo Fernando Henrique Cardoso e do chileno

¹⁹ RICUPERO, Bernardo. Existe um pensamento marxista latino-americano?. In: BARSOTTI, Paulo e PERICÁS, Luiz Roberto. *América Latina – Histórias, Idéias e Revolução*. São Paulo: Xamã, 1998 p. 71

²⁰ LÖWY, Michael. *O marxismo na América Latina*. Uma antologia, de 1909 aos dias atuais. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2006.p. 10.

²¹ Usamos como referência para esse debate os textos: CARDOSO, Fernando Henrique. *Teoria da Dependência ou Análises Concretas de situações de Dependência?*. Santiago: Texto apresentado no 2º Seminário Latino Americano Para El Desarrollo, 1970; CARDOSO, Fernando Henrique e FALLETO, Enzo. *Dependência e Desenvolvimento na América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004; MARINI, Ruy Mauro. Subdesenvolvimento e Revolução. In: BARSOTTI, Paulo e PERICÁS, Luiz Roberto. *América Latina – Histórias, Idéias e Revolução*. São Paulo: Xamã, 1998 e PEREIRA, Luiz (org.). *Subdesenvolvimento e Desenvolvimento*. Textos básicos de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Zahar, 1969;

²² RICUPERO, Bernardo. *Existe um pensamento marxista latino-americano*. p. 75



Enzo Faletto, acredita que um certo tipo de capitalismo pode ter êxito na América Latina com a entrada de capital industrial e financeiro, do mercado internacional. Galeano é mais próximo da primeira vertente, já que *Veias Abertas* não acredita em remediações dentro do próprio sistema capitalista. A entrada de um grande fluxo de capital externo é condenada, na medida em que desnacionalizaria o setor produtivo, deixando o mercado internacional conduzindo o mercado interno e as ações do Estado. O autor rechaça esse equilíbrio dentro do capitalismo, sendo a realidade marcada pelo fatalismo derivado da condição de subdesenvolvido, que só mudará se forem invertidas as lógicas do sistema.

Assim, na confluência de diversas leituras da América Latina, *Veias Abertas* sobrepõe muitas delas e firma-se, ao longo dos anos, como um marco que sintetiza uma forma engajada e apaixonada, ligada a uma renovação do pensamento a cerca da América Latina que dialogou diversas áreas do conhecimento como Literatura, Política, Economia, Sociologia e História. *Veias Abertas*, ao longo das décadas de 1960, 70 e até os anos 1980, firma-se, no imaginário brasileiro como síntese, ao mesmo tempo militante e acadêmica, crítica e sensível, sobre a América Latina. A trajetória do livro no Brasil nos indica a forma como essa construção ocorreu.

O êxito editorial de *Veias Abertas*

Durante o tempo em que foi editado pela Paz e Terra, *Veias Abertas* obteve um grande êxito de vendagem. Nos primeiros dois anos após a primeira edição no Brasil, no biênio 1978 – 1979, foram 9 edições, e durante os primeiros dez anos de circulação do livro (1978 – 1988), foram 27 edições, metade das 50 que contabilizou até 2010. Entre 1980 e 1992, o livro obteve uma média de 2 edições por ano, e entre 1994 e 2005 foram apenas 10 edições. Entre 2007 e 2009 se acumulam mais 4 edições, contabilizando o total de 50. No gráfico abaixo, está disposta a evolução do número de edições de acordo com períodos quinquenais.

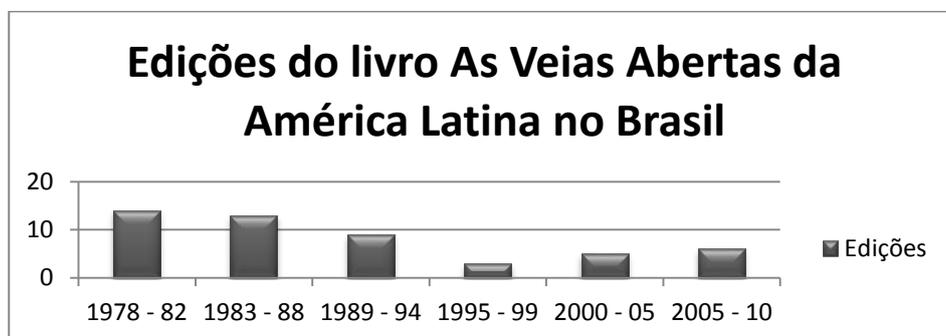


Gráfico. Evolução das edições do livro *As Veias Abertas da América Latina* no período entre 1978 – 2010 publicadas pela *Paz e Terra*.



O livro foi lançado no Brasil já com o posfácio “Sete anos depois”, escrito em Barcelona, em abril de 1978. Nas oito páginas do posfácio, Galeano comenta sobre a censura do livro, a qual considera “um elogio à obra”²³, as histórias dos leitores comuns e a sua motivação para realizar aquele livro – a saber: “divulgar certos fatos que a história oficial, história contada pelos vencedores, esconde ou mente”²⁴. Também discorre sobre a circulação da obra “Creio que não há vaidade na alegria de comprovar, passado um tempo, que *As Veias* não foi um livro mudo”²⁵, e a contemporaneidade do livro, já que, após 7 anos apenas, muito havia ocorrido na América Latina (nesse ponto discorre sobre o endurecimento dos regimes autoritários, a ascensão e queda de Salvador Allende, a confirmação dos êxitos sociais em Cuba e outros temas).

É preciso reassaltar que, mesmo obtendo um grande volume de edições nos primeiros anos (ver Gráfico), a obra estava censurada no Brasil desde seu lançamento em outros países latino americanos. A década de 1980, caracterizada pela redemocratização nos países latino-americanos, marca um paulatino declínio de edições da obra. É a transição assinalada pela historiadora Maria Ligia Coelho Prado da utopia socialista à utopia democrática. “A experiência cotidiana sob os regimes militares [...] fez compreender a importância dos direitos humanos e das práticas democráticas. [...] a democracia como valor político ganhou, como nunca antes, espaço e importância crescentes entre as esquerdas.”²⁶

Dessa forma, no final dos anos 1980, a luta pela democracia diluiu bandeiras esquerdistas para que o movimento pelo fim dos regimes militares abarcasse diversos setores da sociedade. O esforço pelo consenso em torno da democracia afastou uma identidade puramente de esquerda a esse período. O paulatino declínio de vendas de *Veias Abertas* se insere nesse ponto de inflexão. Apesar das lutas pelo fim das Ditaduras serem comuns a muitos países da América Latina, a perspectiva de reestruturação política, a retórica oposicionista e os projetos de integração são diferentes daqueles traçados no final dos anos 1960 e que são defendidas no livro. Os governos Neo Liberais, a orientação social democrática e o MERCOSUL (Mercado Comum do Sul)²⁷, podem ser apontados como parte de uma agenda política que busca a superação da ideologia esboçada em *Veias Abertas*.

²³ GALEANO, Eduardo. *As Veias Abertas da América Latina*. Porto Alegre: L&PM, 2010. p. 369

²⁴ GALEANO, Eduardo. *As Veias Abertas da América Latina*. p. 369

²⁵ _____, E. *As Veias Abertas da América Latina*. p. 369

²⁶ PRADO, Maria Ligia C. *Desafios do Historiador Brasileiro face às Utopias Latino-americanas do século XX*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho, 2011. p. 5

²⁷ O MERCOSUL foi idealizado no final dos anos 1980 como um projeto de integração regional. Foi oficializado em 1992, tendo como membros associados o Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai. O MERCOSUL visa que, entre os países signatários, haja livre circulação de pessoas, bens de consumo e dinheiro. Prevê também que os acordos



Guilherme Santos C. de Oliveira, autor de *A Imagem do Vitimizado*, disse que “*Veias Abertas* é um grito. É um grito para quem lê e certamente um grito para quem escreveu.”²⁸ Interessante considerar essa metáfora do grito, já que, na década de 1960 o autoritarismo que governava muitos países da América Latina buscava silenciar, e Eduardo Galeano foi um dentre os vários intelectuais que romperam o silêncio contra aquilo que julgaram serem a expressão de uma dominação, e pagaram com o exílio por isso.

O livro foi objeto de várias críticas na América Latina e fora dela, e Eduardo Galeano, posteriormente, não parecia disposto a retomar o enfoque de narrativa que o consagrou com *Veias Abertas*, isto é, uma obra político econômica. O lirismo de suas publicações poéticas e de pequenos contos o consagraram enquanto *Veias Abertas* era banida das Universidades, na década de 1990, que buscavam uma nova forma de interpretação da história da América Latina²⁹. Os anos 1990 ainda marcam uma experiência política comum a muitos países da América Latina, a redemocratização e o estabelecimentos de governos Neo-liberais. O Neo-liberalismo é uma ideologia que firma-se na oposição as ideias socialistas. Os governos sob essa orientação, na América Latina, levaram a uma grande concentração de renda nas sociedades latino-americanas, estruturação de uma economia privatizada, impulsionado pelo livre-comércio, pouco eficaz no combate as mazelas sociais da América Latina - uma oposição clara aos pressupostos de *Veias Abertas*. Estigmatizando a utopia democrática (que, conforma indicado por Prado, suplantou a utopia socialista nos anos 1990) pelo viés conservador, o Neo-Liberalismo fomentou críticas à leitura marxista da América Latina representada por *Veias Abertas*, e o declínio de sua vendagem reflete essa tentativa de desconstrução e crítica à obra.

Em 2004 é acrescentado no livro o prefácio da escritora chilena Isabel Allende, em destaque na capa do livro, numa tentativa de revitalização do *Veias Abertas*. Allende escreveu o prefácio que perdurou no começo de *Veias Abertas* até a editora L&PM comprar os direitos da obra e incluir um prefácio escrito diretamente por Galeano. Já na época em que escreveu o prefácio, Isabel Allende era uma reconhecida escritora, além de parente de Salvador Allende (um mito para as esquerdas latino-americanas) tendo publicado os romances *A Casa dos Espíritos* (1982) e *Paula* (1994). Em seu prefácio, Isabel Allende expõe as angústias e incertezas atreladas ao

bilaterais sejam tratados de forma conjunta. Em 2013 foi oficializada a adesão da Venezuela ao grupo, assim como a suspensão do Paraguai em decorrência do golpe de Estado.

²⁸ OLIVEIRA, Guilherme Santos Cabral de. *Imagem do Vitimizado: Galeano e as concepções acerca da colonização na América Latina*. Disponível em: <http://www.ufrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/perspectivashistoricas/artigos/06.pdf>. Captado em 02/05/2012.

²⁹ Essa nova leitura da história da América Latina é descrita mais adiante, quando identificamos uma vertente historiográfica brasileira que, a partir dos anos 1990, buscará um outro modo de analisar a América Latina.



autoritarismo dos regimes latino-americanos na década de 1970, sendo ela também uma exilada política em decorrência da repressão³⁰. Explorando a atualidade de uma obra referencial, é possível atentar para a dimensão de identidade e luta que a obra adquire e que parece caminhar junto com sua trajetória editorial “Depois do golpe de 1973 não pude levar muita coisa comigo: algumas roupas, fotos da família, um saquinho com barro do meu jardim e dois livros: uma velha edição de *Odes*, de Pablo Neruda, e o livro de capa amarela, *As Veias Abertas da América Latina*”³¹.

Cinco anos após a publicação do prefácio de Isabel Allende, *Veias Abertas* estava no meio de uma polêmica que o colocou sob o foco da mídia e em debate. A Cúpula da UNASUL (União das Nações Sul-Americanas), realizada em Trinidad e Tobago, em abril de 2009, contou com a presença do então recém-eleito presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, num esforço de aproximação entre América Latina e EUA, após a desgastada relação entre as regiões durante os governos de George W. Bush (2001 - 2009). Estavam presentes diversos chefes de Estado da América Latina, muitos de orientação de centro-esquerda, e alguns mais radicais como o presidente venezuelano Hugo Chávez. Chávez já havia feito críticas fortes aos Estados Unidos, um Império que estaria a ameaçar o projeto Bolivarianista³², por ele defendido. Em um encontro entre Chávez e Obama, o venezuelano entregou ao estadunidense um exemplar do livro *As Veias Abertas da América Latina*, autografado por Eduardo Galeano. Um gesto muito divulgado pela mídia³³.

Após o ato de Chávez, *Veias Abertas* voltou a ser um *bestseller*, passando da posição 60.280 para um dos mais cotados no *site* de vendas Amazon.com³⁴. *Veias Abertas* passou a ser vinculado às ideias defendidas por Hugo Chávez, e associados a uma “nova” esquerda anti-imperialista e latino-americanista. Chávez tentou se apropriar de diversos elementos que figuram no imaginário da resistência e luta de parte dos latino-americanos, como a relação com o mito e o ideário de Simon Bolívar. *Veias Abertas*, por ser uma obra que alcançava uma dimensão

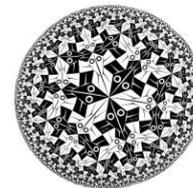
³⁰ O historiador Leslie Bethel identifica no exílio de brasileiros durante os anos da Ditadura Militar (1964-1985) aproximou o Brasil da América Latina. “Alguns, a maioria a esquerda, até começaram a se identificar com a América Latina. Não era só uma questão de afinidade ideológica e solidariedade com seus colegas hispano-americanos durante a Guerra Fria. Era na maior parte das vezes consequência do exílio.” BETHEL, Leslie. *O Brasil e a ideia de ‘América Latina’ em perspectiva Histórica*. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, 2009.

³¹ ALLENDE, Isabel. Prefácio. In: GALEANO, Eduardo. *As Veias Abertas da América Latina*. RJ: Paz e Terra, 2007.

³² O Bolivarianismo é um fenômeno político Latino Americano que surgiu em meados da década 2000. Sobre a apropriação de Simón Bolívar num discurso socialista ver: SOARES, G. P. . *Simón Bolívar*. São Paulo: Secretaria de Estado da Educação; Fundação Memorial da América Latina, 2008.

³³Captado em: <http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0,,OI3710954-EI8140,00-Chavez+da+livro+sobre+America+Latina+a+Obama.html>. Acessado em: 13/05/2012.

³⁴Captado em: <http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL1090610-5602,00-LIVRO+QUE+CHAVEZ+DEU+DE+PRESENTE+A+OBAMA+SE+TRANSFORMA+EM+BESTSELLER.html>. Acessado em: 13/05/2012.



confluente com seu projeto, foi usado como uma obra síntese de reivindicações e posições que Chávez buscou expressar ao presentear Obama. Não nos cabe especular a validade de suas intenções, mas deferir daí que *Veias Abertas* voltou ao debate, numa época em que se aponta a América Latina como uma região promissora³⁵, mas ainda com graves problemas sociais. É na dicotomia do otimismo quanto ao futuro e nas considerações sobre uma realidade não desenvolvida que se insere o debate acerca da atualidade de *Veias Abertas*.

Em 2010, *Veias Abertas* passou por uma grande mudança em sua trajetória editorial no Brasil. A editora *L&PM* adquiriu o direito de publicação da obra. A editora gaúcha, fundada em 1974 por Paulo de Almeida Lima e Ivan Pinheiro Machado, já tinha em seu catálogo todos os livros escritos por Eduardo Galeano vendidos no Brasil. Nos anos 1980, havia publicada a Série “Visão dos Vencidos”, nome que descende do livro do historiador mexicano Miguel León-Portilla, *A Visão dos Vencidos: A Tragédia da Conquista narrada pelos astecas*. A *L&PM* publicou seu primeiro livro de Galeano em 1991, *O Livro dos Abraços*. Mas o contato entre o dono da editora, Ivan Pinheiro, e o uruguaio já havia ocorrido anos antes, intermediado por Gasparian. “[...] Eu, filho de comunista que era, já tinha lido o livro em espanhol, pois a obra era proibida no Brasil. Fiquei fascinado com sua figura e continuamos mantendo contato”³⁶.

Com a morte de Fernando Gasparian, em 2006, a *Paz e Terra* passou a ser comandada pelo seu filho, Marcus Gasparian. Antes disso, após uma crise durante a década de 1990, a *L&PM* alcançou grande êxito comercial com os livros de bolso no final dos anos 1990, e começou os anos 2000 com uma grande coleção de *pocket books* (livros de bolso, com preços mais acessíveis ao grande público). Em 2010, a *L&PM* divulgou a nova edição de *Veias Abertas*, em formato convencional e em *pocket* (ambas com o texto integral)³⁷. O novo projeto editorial ainda modificou a capa original e trouxe uma nova tradução para o português.

Realizei uma entrevista por e-mail com o tradutor da nova edição, o também escritor Sérgio Faraco. Faraco não teve muito contato com Galeano, mas sim com outros escritores uruguaiois, tendo traduzido algumas de suas obras no Brasil. A tradução antiga de *Veias Abertas* publicada pela *Paz e Terra*, era de Eric Nepomuceno, que também havia traduzido outras obras de

³⁵ A consolidação do MERCOSUL na década de 1990, somada ao crescimento econômico da região projetaram a América Latina no mercado internacional. O Brasil ainda desponta como uma das nações com grande perspectiva econômica, sendo um dos BRIC's (sigla para Brasil, Rússia, Índia, China) nações “emergentes” que são tidas como futuras potências mundiais.

³⁶ Ivan Pinheiro relata que o encontro ocorreu na Feira do Livro de Frankfurt. Disponível em: <http://www.lpm-blog.com.br/?cat=777&paged=2>. Captado em: 13/05/2012.

³⁷ O formato *pocket* lançado pela *L&PM* permitiu um preço mais em conta de venda, aproximadamente metade do valor da versão tradicional.



Galeano no Brasil. Questionado sobre as mudanças na nova edição de *Veias Abertas*, Sérgio Faraco declarou:

[...] Suponho que a *Le&PM*, ao contratar uma nova edição brasileira, quis marcar a mudança com outras mudanças, isto é, nova capa, nova tradução. É preciso considerar que também houve uma atualização de certas partes do livro, a edição da *Le&PM* não é exatamente igual à da *Paiz e Terra*. Não sei se se pode falar de novas leituras. As circunstâncias políticas e econômicas da América Latina de hoje não diferem ao ponto de fazer com que o livro perca a atualidade. De resto, para sabermos o que somos é recomendável que saibamos como éramos.³⁸

A mudança de capa também é algo emblemático. A antiga, feita por Mário Roberto da Silva, era muito associada à obra e a uma aspiração identitária latino americanista. O livro branco com os dizeres em vermelho era uma fácil referência ao continente que teve sua história escrita com sangue, que tem como representação clássica a escultura de Oscar Niemeyer (*Mão*) exposta no Memorial da América Latina, na Praça Cívica³⁹. A associação entre *Veias Abertas*, *Mão* e um histórico de espoliação e lutas encenados na América Latina, constitui uma equação de comum identificação de valores latino-americanista, esquerdista, anti-imperialistas, marcados pelo combate aos regimes autoritários na região, e pela constatação de que existe uma certa história comum na América Latina. Essa história comum, cíclica e viciada, é o enredo central de *Veias Abertas*, e de outras referências a essa leitura da história, que apontam uma região negada em seu dinamismo. As especificidades locais ficam suprimidas na tentativa de tornar visível e defensável uma América Latina que partilha dos mesmos opressores. Porém, essa apresentação da América Latina corre o risco de assimilar o discurso da dominação, na medida em que permanece na mesma crítica de um passado referendado.

A nova capa, assinadas por Sebastian e Alejandro G. Schnetzer, é ocupada em sua maior parte por um mapa antigo da América, com fundo em vermelho e preto. A reinvenção dessa fórmula, no final dos anos 2010, requer que olhemos para essa mudança editorial de forma mais aprofundada. A América Latina parece ter assimilado parcialmente a ideia difundida pelo mundo, de que é uma das regiões onde está o futuro da economia mundial. Após as críticas que essa concepção dualista de interpretar a história recebeu, podemos apontar para um desgaste de uma forma de se pensar a América Latina. Cabe a nós o esforço de contextualizar o porquê da

³⁸ FARACO, Sérgio. Entrevista realizada por e-mail, 27 de outubro de 2012. Entrevista concedida a Alexandre Queiroz de Oliveira. Disponível em: <http://www.lpm-blog.com.br/?cat=777&paged=2>. Captado em: 13/05/2012.

³⁹ No site do Memorial da América Latina, a *Mão* é descrita como “símbolo por excelência do Memorial e marco urbano (...) um dos pontos turísticos de São Paulo. (...) Essa mão espalmada está estendido para os povos irmãos.” E finaliza com uma frase de Niemeyer: “Suor, sangue e pobreza marcaram a história desta América Latina tão desarticulada e oprimida. Agora urge reajusta-la num monobloco intocável, capaz de fazê-la independente e feliz.” Disponível em: <http://www.memorial.org.br/acervo/obras-de-arte/mao/> Captado em: 27/05/2013.



construção ter sido outrora aceita e difundida, assim como sua modificação. Dessa forma, a nova cara de *Veias Abertas* dialoga com o antigo modelo, mas também busca um novo público. A editora pretende colocá-la como uma obra atual⁴⁰, dando ênfase à precisão de seus dados com dados precisos, à suposta verdade inquestionável que se formou sobre o continente⁴¹ e às premissas válidas para os dias atuais. A nova edição da *L&PM* ainda contém um novo prefácio, feito pelo próprio Galeano, exclusivamente para a versão brasileira, de 2010. Ali, está claro esse vínculo que se pretende criar com a nova América Latina, mas que não renega os velhos padrões de dominação. Sobre a América Latina dos dias de hoje, o autor, afirma, no Prefácio: “Agora é a vez da soja transgênica, dos falsos bosques da celulose [...]. Dar de comer aos carros é mais importante do que dar de comer às pessoas. E outra vez voltam as glórias efêmeras, que ao som de suas trombetas nos anunciam grandes desgraças”⁴². Nessa passagem Galeano corrobora a frase escrita na contra-capa “Uma história infelizmente atual”, onde a exploração dos dias atuais é a reprodução, sob nova dinâmica, da exploração secular descrita no livro. O autor também evidencia aqui sua aproximação com o Materialismo Histórico Dialético, já que no livro as histórias de exploração são cíclicas e repetitivas, obedecem a uma ordem estabelecida, classista e somente a Revolução romperia com ela.

Concomitante a esse esforço, está o processo assinalado pela historiadora Maria L. Prado, no qual, seduzido pelos encantos do desenvolvimento, o brasileiro comum acha o Brasil como um modelo para os demais países da América Latina, e se distancia deles⁴³ algo correlato ao que acontecia no século XIX. Processos históricos análogos e complementares entre o Brasil e a América Latina são suprimidos pela mídia e por essa nova propaganda, diante de uma retórica muito difundida na sociedade, e aceita dentro e fora do Brasil, de que estamos cauterizando as “Veias Abertas” rumo a um novo patamar, um *status* que incorpora outras referências, que contém outros paradigmas. Cabe fazermos o esforço crítico de assimilar as boas construções de similaridade histórica, apontados por Galeano, e algumas de suas perspectivas de desenvolvimento, afim de não regredirmos a um estado de identidade que precisa se distanciar da América Latina para afirmarmos quem somos. A América Latina traduzida pela capa vermelha e

⁴⁰ Na contracapa do livro, está escrito em vermelho no fundo branco “Um livro (infelizmente) atual.” Essa frase evidencia o projeto editorial da *L&PM*, onde, baseando-se na leitura consagrada de *Veias Abertas*, a editora busca uma nova apropriação da “História comum” do continente. O livro permanece como atual, uma análise da realidade da América Latina aponta que a pobreza e a exploração não acabaram, mas agora está sendo interpretada sob uma nova perspectiva – de integração e desenvolvimento.

⁴¹ A ideia de que *Veias Abertas* se sustenta por difundir uma verdade inquestionável está presente na orelha da edição da *Paz e Terra*, escrito por Galeano de Freitas. “ (...) a força desse livro reside na verdade, contada com veemência e provada com base em documentos irrefutáveis”.

⁴² GALEANO, Eduardo. *As Veias Abertas da América Latina*. Porto Alegre: L&PM, 2010. p. 369. p. 6

⁴³ PRADO, Maria Lígia C. *Desafios do Historiador Brasileiro face às Utopias Latino-americanas do século XX..* p. 11



branca, parte do imaginário brasileiro sobre a região, está agora representada por um mapa de outros tempos, que pouco caracteriza a mensagem que *Veias Abertas* defende, que podemos sintetizar como a integração latino-americana sendo condição ao mesmo tempo revolucionária e de igualdade dos tempos da real prosperidade.

Notas sobre a repercussão do livro no meio Acadêmico

Para entender o lugar de *Veias Abertas* na produção historiográfica brasileira sobre a América Latina, e suas peculiaridades, cabe considerarmos a trajetória dessa própria historiografia, após os anos 1980. A historiografia latino-americana começou a se firmar no cenário historiográfico brasileiro com dificuldades. José Luís Beired demonstrou que a produção acadêmica nas universidades paulistas em História da América só se consolidou e começou a expandir-se estruturadamente nos anos 1980⁴⁴. Talvez esses autores tenham entendido que foi necessário desconstruir uma imagem que estava consolidada no imaginário brasileiro, para que se pudesse ensinar um novo tipo de História da América. Historicamente, o Brasil esteve separado da “distante América do Sul”, e *Veias Abertas* “tornou-se um dos ícones da cultura contemporânea e crítica sobre a América Latina”⁴⁵, como atentou Leandro Karnal.

Veias Abertas foi alvo de muitas críticas no meio acadêmico, principalmente a partir da década de 1980, quando podemos observar a emergência de um revisionismo historiográfico no que se refere aos temas clássicos da história da América Latina, além da incorporação de novas metodologias e consideração de novos agentes sociais. Era o tempo de se questionar as generalizações marxistas, numa época em que o Socialismo Real desmoronava ao redor do mundo. Capitaneada pelo fracasso da União Soviética, a esquerda latino-americana, e internacional, era posta diante dos erros do Socialismo Real, e arregimentada pela utopia democrática nos países que voltavam ao Estado de Direito. No mundo pós-80, as críticas por parte dos neoliberais e sócio-democratas à esquerda se acentuaram.

Entendemos que o livro, após ser escrito, não pertence mais ao autor, será lido de inúmeras maneiras, apropriados sob as mais diversas circunstâncias⁴⁶, tornando-se, por vezes, como podemos atentar em nossa pesquisa, em um ícone de valores intrínsecos de um

⁴⁴ BEIRED, José Luis B. A pesquisa de História da América: sua trajetória nas universidades paulistas (1942-2004). In: *Revista de História*, n. 153 São Paulo, dez. 2005 (pp. 35-52).

⁴⁵ KARNAL, Leandro. *Revista Cevch*, São Paulo, Brasil. Disponível em: www.ceveh.com.br (site atualmente desativado), 2001. p.2

⁴⁶ É o que assinala alguns historiadores que lidam com a História do Livro, e que foram usados como referências. São eles: CHARTIER, Roger. *A Ordem dos Livros. Leitores, autores e Bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVII*. Brasília, UNB. p.8. e DARNTON, Robert. História da Leitura. In: BURKE, Peter. *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992. p. 202.



determinado período. O livro tem a capacidade de se mesclar à subjetividade do leitor e suscitar determinadas identificações ou reforças uma identidade, sendo assimilado de diversas formas por cada leitor. Evidentemente uma obra não deve ficar ilesa a críticas e debates, eles enriquecem suas propostas e proporcionam discussões que podem ultrapassar o tema abordado. Mas os críticos devem atentar para certos critérios acadêmicos, mais especificamente historiográficos.

Apesar de não haver constado dos objetivos originais de nossa pesquisa analisar a recepção acadêmica de *Veias Abertas*, nos chamou a atenção o fato de existirem poucas análises de fôlego, sobre esse livro, se comparadas à grande difusão que a obra obteve, conforme demonstramos. As análises acadêmicas com as quais nos defrontamos, ao longo da pesquisa, reiteram algumas críticas amplas - que, em geral, julgamos, pertinentes - porém sem considerar de forma rigorosa o conteúdo do livro. Nos limites desse artigo, gostaríamos de não nos furtar a essa questão, buscando compreender porque a obra foi alvo de poucos estudos no meio acadêmico, e de que modo os trabalhos existentes estruturam suas críticas. Para melhor expor esse problema, nos valem de uma pequena amostragem: três textos de historiadores, publicados no Brasil, entre os anos 1980 e os anos 2010, que abordam a obra *As Veias Abertas da América Latina*. Essas críticas foram feitas após o período de maior vendagem de livro, e ocorrem no contexto da Redemocratização da política brasileira e do revisionismo marxista no meio Acadêmico. O mais antigo deles é *América Latina: Quinhentos Anos entre a Resistência e a Repressão*, do historiador chileno Héctor Hernán Bruit, de 1988, publicado na *Revista Brasileira de História* em 1991. Em seguida, analisamos a resenha feita pelo historiador brasileiro Leandro Karnal, *As Veias Fechadas da América Latina*, publicado em 2001, na revista *Ceveh*. O último é um capítulo do livro organizado por Karnal, *História na Sala de Aula: Conceitos, Práticas e Propostas*, escrito pelos historiadores Luiz Estevam Fernandes e Marcos Vinicius Moraes, intitulado *Renovação da História da América*, cuja publicação é datada de 2010. Podemos observar que são textos com um intervalo médio de uma década entre eles. Cabe notar que esses historiadores tiveram boa parte de sua formação acadêmica no IFCH da Unicamp, sendo que Fernandes e Moraes foram orientados por Karnal.

O primeiro artigo, do Bruit, é referência para os outros dois textos, e tem um peso importante na formulação dos textos posteriores. O texto do Bruit filiou a obra de Galeano a uma tradição historiográfica, vinculada ao livro de Bartolomé de Las Casas, *Brevíssima Relação da Destruição das Índias* (1542), no qual o frade dominicano relata à Coroa os horrores do processo de



colonização espanhola na América Latina. Bruit é um especialista no tema, tendo publicado *Bartolomé de Las Casas e a Simulação dos Vencidos*⁴⁷.

Bruit comenta algumas obras contemporâneas a *Veias Abertas*, como *A Visão dos Vencidos* (1956) do mexicano Miguél León-Portilla ou *A Resistência indígena* (1986) de Josefina Coel, para reforçar seu argumento que, até o dado momento, a historiografia da História da América Latina pouco problematizou outros fatores da colonização ibérica, além da exploração e do genocídio praticados pelos colonizadores.

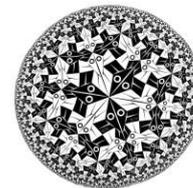
Notamos que, a comparação e aproximação entre Las Casas e Galeano pouco leva em conta o contexto de publicação das respectivas obras, como se ambos os autores tivessem sido motivados pelos mesmos interesses. Las Casas busca evidenciar a barbárie da colonização secular, para justificar a temporal, já Galeano busca elucidar a dominação externa na América Latina. Ambos apresentam suas histórias como desveladas, como denúncias de uma história não conhecida. Isso permite aproximações, mas são narrativas diferentes, elaboradas de forma distintas, em contextos díspares.

O texto de Bruit ainda suscita outras considerações. O texto apresenta uma tese central sofisticada, permeada pela influência do estudo do imaginário social, das representações sociais, levando em consideração o inconsciente coletivo na formulação de crenças que se manifestam na realidade. Bruit defende que no inconsciente do homem latino-americano, reside uma resistência ao sistema capitalista que tenta dominá-lo. Capitalismo este que não foi realizada plenamente na América Latina e, inconscientemente, assimilou as formas de dominação, caracterizando uma “resistência difusa”, que não se organiza, e que, por estar dentro do inconsciente do homem, se manifesta sob signos⁴⁸. Um desses signos estaria presente em *Veias Abertas*. A “resistência difusa” explicaria, por um lado, os processos revolucionários da América Latina, considerados todos como espontâneos, sem uma organização teórica ou institucional, e por outro lado, a passividade.

Não se sabe por que a resistência difusa funciona ora como revolucionária e ora como desorientador do sistema social, talvez porque o inconsciente não possa nunca ser decifrado totalmente, mas seus signos estão na história que

⁴⁷ BRUIT, Héctor H. *Bartolomé de Las Casas e A Simulação dos Vencidos*. São Paulo: Iluminuras/Unicamp, 1995. P. 211.

⁴⁸ Bruit se baseou muito na obra do filósofo Castoriadis, *A Instituição Imaginária da Sociedade*, que teve uma grande circulação na academia dos anos 1980. A tese de Bruit é de difícil comprovação, pois, segundo ele, a resistência é assimilada no inconsciente, e o consciente é a manifestação e controle dele, mas não a resistência em sua essência. Essas relações entre consciente e inconsciente se dariam no magma, conceito que aparece no livro de Castoriadis. Não nos prolongaremos nesse debate, mas ele é uma referência importante para a compreensão das teses de Bruit.



conhecemos (Las Casas, Galeano), signo aparente da derrota e da humilhação.

49

Apesar de percorrermos caminhos diferentes, Galeano e Bruit se orientam e almejam uma revolução na América que ainda não está configurada, mas está latente nas leituras de nossa história e trará a autonomia desejada ao homem latino-americano. Galeano, ao fixar-se na revolução marxista como único caminho concreto para a emancipação social, numa interpretação típica do período da Guerra Fria, quando já se descartou a aliança com a burguesia ou o papel civilizador que o capital possa empregar nos países subdesenvolvidos, não aposta na resistência talvez para não investir em ações que pudessem desviar o olhar da revolução, que era o único caminho por ele assinalado. A resistência poderia tirar o imediatismo da revolução. Caracterizar uma resistência perante a dominação capitalista, como Bruit defende, iria de embate à romantização e objetivação da revolução marxista que deve se realizar.

Bruit ainda afirma que o latino-americano “resiste sem sabê-lo”⁵⁰, já que essa resistência se passa no inconsciente, e conclui que, a “resistência difusa”, quando assume um sentido revolucionário, explica o porquê da desorganização das revoluções na América Latina. Tal formulação também é equivocada, por não considerar as formas de organização teórica das revoluções na história da América Latina. Considerar que todos os processos revolucionários partem de uma desorganização teórico-social é não atentar para as especificidades das variadas revoluções ocorridas na América Latina, e generaliza uma tese que acaba por funcionar de forma oposta a proposta inicial, dar autonomia ao homem latino-americano.

Partimos então para considerações breves sobre os dois outros textos que abordam o *Veias Abertas*. Leandro Karnal, em *As Veias Fechadas da América Latina*, resenha a obra de Galeano. Identifica como tese central do livro “a exploração da América Latina, desde o século XV até o século XX, provoca pobreza, fome e políticas autoritárias em associação ao explorador estrangeiro”⁵¹. Formulação que se aproxima da escrita por Eduardo Galeano no prefácio da obra: “Por isto neste livro, que quer oferecer uma história de rapinagem e, ao mesmo tempo, mostrar como funcionam os mecanismos atuais de espoliação, aparecem os conquistadores nas caravelas e, ali perto, os tecnocratas nos jatos”⁵². Mas Karnal, a exemplo de Bruit, pouco disserta sobre os outros períodos da história do continente que são contemplados no livro. E reproduz-se a relação entre Bartolomé de Las Casas e Eduardo Galeano, presente no texto de Bruit.

⁴⁹ BRUIT, Héctor H. América Latina: Quinhentos Anos Entre A Resistência e A Revolução. *Revista Brasileira De História*, v. 20, 1999. p. 171.

⁵⁰ BRUIT, Héctor H. Quinhentos Anos Entre A Resistência e A Revolução. p. 167

⁵¹ KARNAL, Leandro. *Revista Ceveh*. p. 2

⁵² GALEANO, Eduardo. *As Veias Abertas da América Latina*. Porto Alegre: Editora L&PM, 2010. p. 25



Cabe aqui uma consideração importante. Las Casas não integra oficialmente a bibliografia de *Veias Abertas*, mas quando Galeano vai dissertar sobre as justificativas ideológicas da conquista, retoma os argumentos de Las Casas.

A sangria do Novo Mundo se convertia num ato de caridade ou numa razão de fé (...) Junto com a culpa nasceu todo um sistema de álibis para as consciências culpadas. (...) O frei Bartolomé de Las Casas agitava a corte espanhola com suas denúncias da crueldade dos conquistadores da América. (...) Las Casas dedicou sua fervorosa vida à defesa dos índios ante dos desmandos dos mineradores e dos “encomenderos”.⁵³

Galeano usa como referência teórica para tratar de Las Casas, o livro de Lewis Hanke, *Estudios sobre fray Bartolome de Las Casas y sobre la lucha por la justicia en la conquista española de América*. A “Lenda Negra” de Las Casas já era debatida nos anos 1960, mas não era consolidada dentro da Academia. O próprio livro de Bruit, clássico dessa questão, é da década de 1990. Porém, na breve passagem em que aparece, não são devidamente problematizados os relatos de Las Casas, apesar da advertência que está na página anterior, de que as justificativas da conquista espanhola estavam baseadas numa superioridade racial ou numa cruzada religiosa de homens que sequer eram batizados na Igreja cristã.

Filiar *Veias Abertas* e toda uma historiografia latino-americana exclusivamente aos escritos lascasianos é um exagero, e frases como “o patético de sua mensagem [...] não resistiu ao fascínio da imagem histórica do continente herdada de Las Casas”⁵⁴, soam de forma inadequada. O que merece ser mencionado também é a comparação feita por Karnal entre *Veias Abertas* e o *Manual do Perfeito Idiota Latino-Americano*, escrito pelo colombiano Plinio Apuleyo Mendonza, o cubano Carlos Alberto Montaner e o peruano Alberto Vargas Llosa, em 1996. A comparação se deve pelo fato de Karnal identificar em *Veias Abertas* um símbolo que transpõe o conteúdo da própria obra, e se torna crítica fácil do *Manual*, por ser vinculado ao que seria o estereótipo do esquerdista atrasado da América Latina. O *Manual* é caracterizado como uma obra de inspiração Neoliberal, combatendo os pressupostos marxistas do *Veias Abertas*. Karnal aposta no maior sucesso de *Veias Abertas*, apesar de ressaltar que a retórica de ambos é muito próxima, porque desperta uma cumplicidade com os mais pobres, relega o problema do desenvolvimento a um fator externo e tem um princípio “construtivo”, em oposição ao “destrutivo” do *Manual*⁵⁵.

⁵³ GALEANO, E. *As Veias Abertas da América Latina*. pp. 67-8

⁵⁴ BRUIT, Héctor H. *Quinhentos Anos Entre A Resistência e A Revolução*. p.156.

⁵⁵ KARNAL, Leandro. *Revista Ceveb*. pp. 4-5



O bestseller *Guia Politicamente Incorreto da América Latina*⁵⁶, dos jornalistas Leandro Narloch e Duda Teixeira, apresenta perfil semelhante. Tendo como objetivo desconstruir uma imagem cristalizada da América Latina pela esquerda, eles buscam revisitar os grandes líderes apropriados pela esquerda e convertidos em símbolos da resistência da América Latina, como Che Guevara, Salvador Allende, Perón, Bolívar e outros. O problema reside em que, para se alcançar esse objetivo, são feitas distorções da história latino-americana. *Veias Abertas*, obviamente, não escapa do rol de críticas. Entre os objetivos elucidados na introdução, um deles é desconstruir o seguinte pensamento da “velha América Latina”: “[...] O livro *As Veias Abertas da América Latina*, clássico desse pensamento simplista, a cada país dá-se uma função, sempre em benefício do desenvolvimento da metrópole estrangeira do momento”⁵⁷.

Os autores desconsideram o histórico do anti-imperialismo na América Latina⁵⁸. No desenvolvimento da pesquisa verificamos que a crítica às ditaduras muitas vezes incorporou o discurso anti-imperialista devido ao apoio dos Estados Unidos aos golpes de Estado e manutenção dos regimes autoritários na América Latina. *Veias Abertas* é uma clara expressão dessa denúncia, mas isso não é levado em conta no livro. Simplista se torna o *Guia* ao assumir um horizonte que não permite problematizações mais produtivas. Na nossa avaliação, erra ao não ter uma maior visão de conjunto, além dos pressupostos de atacar a esquerda latino-americana.

Porém, Leandro Karnal faz um esforço para situar às referidas obras (*Veias Abertas* e o *Manual*) em um contexto de publicação e circulação. Após caracterizar a retórica de Galeano em *Veias Abertas* como dramatizada, assimiladora da inferioridade, trágica, diz: “O tamanho e a gravidade dos problemas sociais de países como o Brasil levariam o autor a fazer uma vênua: bem, ele pode ser dramático e retórico, mas toca num ponto central e verdadeiro”⁵⁹. A resenha de Leandro Karnal também atenta para a riqueza bibliográfica do *Veias Abertas*. E arremata a análise da obra, vinculando Galeano e Las Casas, porém de forma mais cuidadosa que Bruit. “numa

⁵⁶ O livro *Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil*, escrito apenas por Leandro Narloch, se tornou um sucesso de vendas e de público, e instigou a escrita da versão latino-americana da obra, com o também jornalista Duda Teixeira. O problema reside em esses livros pouco contribuírem para a problematização histórica, usando muito do senso comum e da crítica fácil, a despeito do que a Academia produz. Porém são essas obras que chegam ao grande público e tem uma vendagem expressiva. A historiadora Maria Lígia Prado publicou uma resenha no jornal *O Estado de São Paulo*, intitulado “Lombroso Oculto. Livro sobre falsos heróis latino-americanos usa simplificações oportunas, omissões e interpretações discutíveis, avalia professora”, onde comenta as distorções feitas pela dupla sobre a história da América Latina. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,lombroso-oculto-livro-sobre-falsos-herois-latino-americanos-usa-simplificacoes-oportunas-omissoes-e-interpretacoes-discutíveis-avalia-professora-,777219,0.htm>. Captado em: 08/04/2012.

⁵⁷ NARLOCH, Leandro e TEIXEIRA, Duda. *Guia Politicamente Incorreto da América Latina*. São Paulo: Leya Brasil, 2011. p. 19.

⁵⁸ No texto *El Primer Antiperialismo Latino Americano*, Oscar Terán situa o período entre a Guerra Hispano-Americana e a Primeira Guerra Mundial, como gerador de discursos em comum protesto ao expansionismo estadunidense.

⁵⁹ KARNAL, Leandro. *Revista Ceveb*. pp. 8-9



retórica maniqueísta tradicional, as personagens exploradas são perfeitamente boas, fadadas à exploração pelo eu lírico onisciente prévio que estabelece seus papéis. [...] personagens de opereta bufa, sem intenção específica de suscitar análise, mas de comover”⁶⁰. Karnal faz críticas pertinentes ao *Veias Abertas*. Essas críticas também podem ser analisadas como um apelo à historiografia, e aos próprios latino-americanos, para que pensem mais a América Latina na sua dinâmica própria, sem recorrer diretamente ao dominador estrangeiro.

Chegamos ao último texto, o escrito pelos historiadores Luiz Estevam Fernandes e Marcos Vinícius Moraes. O título do capítulo, “Renovação da História da América”, já sugere que existe uma História da América tradicional, e que deve ser melhorada para sua otimização no ensino. Essa história atrasada da América é a da “tradição lascasiana”, que aparece nos livros didáticos como “a terra onde o massacre ocorreu, em que culturas e sociedades foram mortas a golpes de espada, lugar de veias abertas [...] continente vitimizado. Terra de bons e maus, heróis e covardes, santos e bandidos”⁶¹. Apesar da referência indireta, *Veias Abertas* é depois explicitado como “releitura mais famosa dos escritos de Las Casas e referência nos livros didáticos”⁶².

Os historiadores tecem uma crítica semelhante a de Bruit, no que se refere a retórica de Galeano. O texto de Bruit é, inclusive, referência bibliográfica desse capítulo, junto com o texto de Karnal. Esboçam uma tese para o êxito da recepção do *Veias Abertas*, e no que se baseia seu erro. Na tentativa de enfatizar essa história não contemplada por essa vertente historiográfica, essa crítica acaba por dizer que narrativas como a de *Veias Abertas* não dão espaço para que o latino-americano viva sua própria história.

O discurso competente e metáforas ricas de imaginação encontradas no livro de Galeano, por si só, já garantiriam uma boa aceitação (...) a simplicidade de sua tese, a América como um corpo aberto, sangrando, a alimentar sanguessugas estrangeiras. (...) O problema reside em um reducionismo de caráter econômico capaz de matar culturas (...) como que impedindo a visão de outras matizes de nossa história que não a da dor, do sofrimento, da exploração e da negação.⁶³

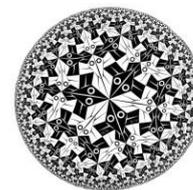
Uma crítica à obra que remete a um ponto interessante a ser discutido, é a filiação de *Veias Abertas* à “Visão dos Vencidos”, ou a “História Vista de Baixo” (tradução livre de *The History from Below*). Eduardo Galeano compartilha de uma consideração fundamental dessa historiografia, dar voz aos que não foram ouvidos na formulação da história oficial. “Um autor não especializado se dirige a um público não especializado, com a intenção de divulgar certos

⁶⁰ GALEANO, E. *As Veias Abertas da América Latina*. p. 8

⁶¹ FERNANDES, Luiz E. e MORAIS, Marcos V. Renovação da História da América. In: KARNAL, Leandro. *História na Sala de Aula: Conceitos, Práticas e Propostas*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 145

⁶² FERNANDES, Luiz e MORAIS, Marcos. Renovação da História da América. p. 151

⁶³ FERNANDES, Luiz e MORAIS, Marcos. Renovação da História da América. pp. 152-3



fatos que a história oficial, história contada pelos vencedores, esconde ou mente”⁶⁴. Moraes e Fernandes esboçaram uma crítica muito superficial sobre essa corrente historiográfica. “... negar as vivências para ressaltar sobrevivências (...) é criar a visão dos vencidos.”⁶⁵ Devemos também relativizar a afirmação de que *Veias Abertas* nega vivências, pois além de não ser possível viver uma história que não seja sua, no limite, a narrativa expõe histórias do homem comum latino-americano, de partes de seu cotidiano, num esforço de trazê-lo à história da América Latina – além desse ser o público que Galeano busca atingir com sua escrita, o dito “homem comum”. Mas, a “Visão dos Vencidos”, ou a “História Vista de Baixo”, é uma corrente historiográfica com um contexto e especificidades que não podem ser apenas enquadradas como um exercício de retórica, e sim um esforço de interpretação a análise histórica que busca, por uma inovação metodológica, dar maior atenção àqueles que foram menosprezados na construção historiográfica.

A “Visão dos Vencidos” foi uma metodologia da História Social, que começou a esboçar seus primeiros trabalhos no final da década de 1960. Baseia-se na Escola dos *Annales*, que no começo do século XX, trouxe novos questionamentos ao fazer histórico, problematizando a história positivista do século XIX. A História dos Vencidos buscou conferir um espaço na história oficial à aqueles que não eram retratados nas narrativas dos grandes acontecimentos. A “História Vista de Baixo” teve um profícuo envolvimento com o marxismo, e *Veias Abertas* é um exemplo dessas concomitantes influências. “A história vista de baixo ajuda a convencer aqueles de nós nascidos sem colheres de prata em nossas bocas, de que temos um passado, de que viemos de algum lugar”⁶⁶. Nesse sentido, se compreende melhor porque aparecem na narrativa de Eduardo Galeano personagens comuns, alguns anônimos, como “uma senhora de Potosí”, ou “um favelado do Rio de Janeiro”.

Galeano não desejava uma obra acadêmica, mas queria a confluência entre um saber erudito e popular. Faltam-lhe fontes primárias e problematizações, mas essa constatação toma como parâmetro de comparação um trabalho historiográfico. Pretendia elaborar um ensaio, e não podemos julgar o autor por aquilo que ele não se dispôs a fazer. Sua motivação foi outra, sua formação foi diferente daquela que a Academia celebra, e isso gerou conflitos ao serem traçados paralelos entre o saber erudito e a narrativa de *Veias Abertas*. Sua linguagem é própria dessa confluência, e o autor paga o preço por buscar uma abordagem sobre a história que propunha,

⁶⁴ GALEANO, Eduardo. *As Veias Abertas da América Latina*.. p. 369

⁶⁵FERNANDES, Luiz e MORAIS, Marcos. Renovação da História da América. pp. 153-4

⁶⁶ SHARPE, Jim. A História Vista de Baixo. In: BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História – Novas Perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992. p. 62



claramente, uma intenção política, assumindo, de fato, suas ideologias. Buscamos entender quais as perspectivas políticas e históricas contidas na obra. Verificamos que, durante suas quase 400 páginas, *Veias Abertas* se apresenta como um testemunho da espoliação e da dominação estrangeira. Também é um texto que nega a falta de dinâmica interna das sociedades latino-americanas. Não faltam em suas páginas histórias de tragédias ou esperanças negligenciadas por interesses que não os da maioria. Ficam assim, não como uma lembrança da forma como um dia se pensou majoritariamente, e de forma arcaica, a história da América Latina, mas como um passo importante que foi dado no intuito de olhar a realidade dessa região, e a partir disso considerar sua história.

É uma história que almeja que sejam reconhecidos os bons e os maus, nesse sentido, recorre a fórmulas mais simples. O livro trata de praticamente todos os países da América Latina, passando pelos grandes eventos clássicos da história latino-americana, mesmo aqueles apropriados pela esquerda, como a Revolução Mexicana ou a Cubana. Mas também constam os países menores da América Central, os ciclos econômicos da Venezuela, Chile, Colômbia, dentre outros. Mas, certamente, o que mais nos chamou a atenção, foi o espaço dado ao Brasil, evocando figuras, obras literárias e fatos históricos de fácil leitura do leitor brasileiro.

Concluimos que o anti-imperialismo, o combate às ditaduras latino-americanas, o apelo a uma integração da América Latina e a perspectiva e defesa da revolução, eram pontos que dialogavam de forma intensa com o grande público, seja brasileiro ou latino-americano, no período destacado, e que eram abordados em *Veias Abertas* por um viés literário reconhecido. *Veias Abertas* é uma das expressões mais contundentes de um imaginário e de um tipo de interpretação da América Latina surgidos em um contexto de luta política específico, e, independentemente de suas fragilidades, constitui um documento de época precioso para o historiador, ainda não totalmente explorado.

Recebido em: 03/11/2012
Aprovado em: 27/06/2013